

A Vida Eterna¹²

Gomes Netto

[15]³ Verona, a doce e imorredoura cidade dos amores flébeis e apaixonados, à hora religiosa da transição do dia, ao estrelar-se a imutabilidade azul do céu eternamente azulado, que embevece e encanta o viajor desconhecido, parece cerrar os langorosos olhos em um deslumbramento divino e, destilando amavios dos corações enamorados, esparge, pelas mãos seráficas das ninfas, as ânforas transbordantes de perfume, enquanto a lua, resplandecente, desliza, luminosa, numa apoteose feérica, a que a alma mais insensível não saberia resistir.

Ah! O luar de Verona, a doçura luminosa, que desce, imperceptível, sobre todas as coisas, maravilhando os mármoreos espiritualizados e presidindo a eurtmia dos corações amantes!

Nunca poderia traçar, posto que, grosseiramente, os sentimentos mais diversos e pungentes que imaginar se possam, causados por um espírito de sabedoria incomparável, que pagou com a mais negra e ultrajante de todas as mortes a ousadia sacrílega de pretender alterar as leis imodificáveis da biologia de todos os tempos.

¹ NETTO, Gomes. A Vida Eterna. O *Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 4, p. 15 - 17, 50, 52, dez. 1933.

² Primeira publicação conhecida em 10 de janeiro de 1925, na Revista *Fon-fon*.

³ Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas de referência.

Felizmente, a nuvem sangrenta e aterrorizante, que enlouqueceria o próprio Demônio, bem longe paira, agora, das nossas almas, unidas para a vida e para a morte, que todas as tardes entoam pelos lábios do barqueiro romântico as cavatinas melífluas que o murmúrio da brisa embala ternamente...

E a gôndola gentil, sempre impelida pelo braço vigoroso do remador, qual uma pluma, singra as águas calmosas da medieval laguna, da Veneza amada dos antigos Doges, balançando, como se quisesse adormecer-nos para sempre os minutos trágicos que precederam a tão infáveis segundos.

À nossa frente, a basílica de São Marcos, grandiosa, avulta sobre a serenidade das águas, estendendo-se majestosa, na pureza arquitetônica das linhas, que o luar aveluda e adoça, formosa como todas as obras perfeitas do gênio humano.

Além, outra gôndola se desenha na semiescuridão do grande canal, e as notas vibrantes, de um bandolim gemente, tremulam na quietude da noite, atraindo um perfil loiro e esguio, branco como o jaspe que se recorta na quase escuridão, a ouvir, enlevado, a barcarola sentimental.



Conheci-a casualmente, quando em viagem de passeio e ao mesmo tempo de investigação científica pela poética Itália, em um engalanado parque, em plena primavera das flores...

Chamava-se Setizia... disse-me, num sorriso inocente, a aflorar-lhe os lábios de nácar, com a sua vozinha infantil, os meigos olhos baixos, acerejada pelo pudor. Depois, emocionada, como lhe manifestasse o desejo

sincero de a encontrar no dia subsequente, empalidecera tanto que já me arrependera da pergunta indiscreta, quando ela, num gesto inapagável de desespero, cobriu o rosto lívido com ambas as mãos, presa de soluços.

— Ter-lhe-ia magoado? — indaguei-lhe, apreensivo, desconcertado pelo súbito desatar dos soluços, que me obrigavam às mais estranhas conjecturas.

— Não, não... senhor! — respondeu-me, cheia de pesar.

E, enxugando as lágrimas, com o lacinho de seda:

— Não, nunca o senhor poderá saber onde moro; fugiria de mim horrorizado.

Proferindo semelhantes palavras, repassadas da mais comovente dor, como se se diluíssem no seu jovem peito o lindo sonho que entrevira, Setizia, a bela italiana, continuava a soluçar inteiramente entregue às suas penas.

Que mistério encerraria a vida daquela moça? A curiosidade de meridional, em mim aumentava, gradualmente, à proporção que as suas lágrimas ardentes rolavam sobre o meu lenço, e, (por que não confessá-lo?), com elas, crescia-me na alma a afeição inesperada e profunda, que desde aquele momento irrompia, indomável, fazendo-me participar das suas dores.

Enxuguei-lhe, bondosamente, os sedutores olhos negros, com uma solicitude carinhosa, que implicava em um pronunciamento mais eloquente, fazendo com que Setizia, alçando o escultural busto, de um salto, se erguesse do banco do jardim.

Quis caminhar, desaparecer do lugar que a infelicitara, o alvo colo anelante, os doces lábios a tremerem não sei de que, mas uma força ignota a imobilizava, obrigando-a a sentar-se, outra vez, vencida, banhada em lágrimas.

— Impossível... — disse, a custo: mas que importa — soluçava a moça — negar-lhe o meu endereço seria perdê-lo para sempre... Resido à rua Trento, 29.

E um leve sorriso a disfarçar-lhe as lágrimas, amável, apertava-me a mão enregelada, partindo silenciosa, deixando-me estatelado, sem nada compreender, mas com a sua direção, cada vez mais nítida, a ressoar nos meus pobres ouvidos.

— Rua Trento, 29...

No dia seguinte, no hotel, informaram-me de que a rua mencionada ficava nos subúrbios, a algumas léguas da cidade, sendo necessário, portanto, tomar o expresso que partia de hora em hora.

Finalmente, após os contratemplos que todo estrangeiro experimenta em terra nunca pisada, vencidas, uma por uma, as dificuldades, surgia aos meus olhos ansiosos o vasto casarão em que Setizia habitava, e que, pelos moldes, [16] parecia construído há mais de um século, plantado ao centro de bem tratado jardim. Parecia mais um sanatório do que mesmo a moradia de uma família, que, dadas as dimensões do edifício, deveria ser considerável.

Nenhuma outra edificação aparecia pelas redondezas, o que dava um relevo todo especial ao grande prédio, inteiramente isolado, ou melhor, cercado pelas gigantescas árvores que se estendiam montanha acima, como se quisessem encobri-lo nas suas folhagens.

Setizia, se bem que algo ainda lhe perturbasse a serenidade que deixara de usufruir desde o dia anterior, o mimoso rosto iluminado por um sorriso de suprema felicidade, acolheu-me como se fora um amigo de infância, procurando, baldadamente, mascarar a aflição que a pungia, com perguntas sobre perguntas, em crescente agitação.

Mudo, procurava um meio, sutil, com que pudesse desvendar todo aquele terrível mistério, sem ferir, entretanto, a sua sensibilidade delicada, receoso, mesmo, de qualquer incidente desagradável, porém, ela, sempre cariciosa, desviava o meu pensamento atordoado.

– Beija-me, querido: não vêes que sofro desde a ocasião em que te vi pela vez primeira? – murmurou, resignada, como se a razão fosse suficiente para apagar do cérebro angustiado todas as elucubrações negras.

Delicadamente, fiel às leis exigentes do deus amor, segurava-lhe os níveos braços de arminho, enquanto ela frágil, se deixava arrastar, e, quando os seus lábios sedosos, premiam à aproximação irresistível, um grito monstruoso e chocante, espécie de uivo prolongado, nos fazia separar, hirtos de pavor. Era como se algum ser fabuloso, uma hidra faiscante de muitas cabeças, tivesse as carnes abrasadas pelo ferro incandescente e, no paroxismo da dor gemesse, gemesse sempre, acompanhada de rugidos tremendos.

Em vão, torturado, quis investigar, saber a causa de tais gemidos, que enchiam o ar de ressonâncias fúnebres mas, por amor e piedade a Setizia, que, ajoelhada, as mãos contritas, pedia-me que retirasse, deixava aquele sítio tenebroso, sempre acossado pelos urros pavorosos, que se sucediam constantemente, autênticos bramidos que o mais feroz leão não saberia imitar, com a alma suplicada por mil ideias, inconcebíveis no estado normal.



O meu assombro, todavia, redobrou de intensidade e atingiu proporções nunca imaginadas, quando, no dia imediato, a convite de notável médico da localidade, partia no mesmo trem em visita ao maior

histologista de Florença, o Sr. Morelli Gianuzzi, cujas últimas descobertas científicas haviam causado sensação no mundo inteiro.

— É um homem singular e ilustrado — limitara-se a dizer o companheiro de viagem, quando o comboio, resfolegante, tragava a extensão.

Calcule-se que o famoso cientista habitava esse mesmo casarão, onde passara ao lado da estremecida Setizia alguns momentos de verdadeiro horror!

Intimamente, embora todos esses fatos causassem espécie, rejubilava-me da oportunidade única que me era oferecida e pela qual esperava desvendar todo o segredo da estranha vivenda.

Introduzidos, no salão de espera, por um criado idoso — Pietro — conforme lhe chamara o médico, dentro em pouco nos aparecia, risonho, o famigerado professor Morelli, saudando-nos cortesmente.

Morelli aparentava, no máximo, uns 40 anos, estatura abaixo da média, quase calvo, olhar inteligente e penetrante, espreitando-nos através das lentes dos óculos à medida que discorria sobre o objeto da nossa visita — a histologia como fator principal no problema palpitante de longevidade, que já havia merecido a atenção do grande Voronoff.

Falava corretamente o belo idioma de D'Annunzio; e, a uma pergunta feita por mim, enquanto o criado servia café, Gianuzzi, a xícara entre os dedos, discutia e ponderava com a habilidade de um profissional consumado.

— Sim, na sua última viagem que fizera às Índias Ocidentais, descobrira a seiva de uma árvore milenar capaz de prolongar, indefinidamente, a juventude em qualquer organismo ainda novo.

E como, sem o querer, esboçasse um sorriso de incredulidade, Morelli, fulo de raiva, esbravejou:

— Pois, não acredita? Fá-lo-ei, dentro de alguns minutos, conhecer os resultados dos meus estudos.

“A mocidade, ou melhor, a longevidade, meu caro senhor, só se conseguirá sustentando, mantendo a vitalidade intracelular de todos os tecidos; multiplicando ininterruptamente o protoplasma, sempre avivado, e as suas células especializadas nesse ou naquele órgão, a fim de que a decrepitude jamais moleste a integridade funcional, de que necessita o indivíduo moço.

“Que é a velhice, senão a morte lenta, mas irremediável até aqui, de todos os sistemas, que, em atingido um certo grau de desenvolvimento, após o termo prefixado pela Natureza, veem as suas células envelhecidas, impotentes para se reproduzirem, para que o equilíbrio necessário e o funcionamento da grande máquina permaneçam inalteráveis?”

Os olhos do histologista pareciam cintilar de alegria, ante a minha estupefação sem nome, diante do homem-ciência, que avultava e fulgia à minha retina deslumbrada.

— Compreende, afinal, parece-me, a viabilidade das minhas razões. Foi o que consegui, depois de uma dezena de anos a estudar tão discutido assunto, porém, de um modo racional e perfeitamente aceitável, porque não envolve nenhuma mistificação.

É bem verdade que, nessas condições, — prosseguia o professor alisando o bigode espesso — o que não impede de novos aperfeiçoamentos tendentes a melhorar [17] a estética dos operados, em tais condições, repito, todos os tecidos, estimulados pela seiva abençoada, crescerão sempre, espantosamente, nunca envelhecendo, porque a fase regressiva nunca chegará, graças ao desenvolvimento constante do organismo inteiro,

desviado da rotina a que nenhum outro poderá fugir, sem a intervenção milagrosa e inestimável.

A medula, permanecerá sempre cor de jade, amarelada como toda medula de indivíduo jovem, a fabricar os seus glóbulos vermelhos, e bem assim, os mielócitos, megalócitos, normoblastos e leucócitos, de sorte a sustentar a regeneração total e milagrosa do homem injetado, que poderá atingir, aos 500 anos, a 20 metros de altura, sempre moço, forte vigoroso!...

Mal o sábio extraordinário acabava de explicar, cheio de convicção, as suas teorias espantosas, um grito, horroroso, tal o que ouvira um dia antes, sacudiu-nos na cadeira.

Pietro, o criado, mal podendo ocultar a emoção que o transtornava, surgiu de repente, seguido — oh, Setizia! — da criatura que amava, transida de pavor.

— Minha filha Setizia — fez o sábio, imperturbável, como se aquele grito de animal ferido, acompanhado de soluços plangentes, que nos feria o tímpano desagradavelmente, já não o incomodasse.

O velho criado curvara-se, respeitoso, e, a um olhar inteligente trocado com o amo, enquanto os mesmos terrores permaneciam estampados no semblante da jovem, falou amedrontado:

— Senhor, estão impossíveis; ameaçam quebrar as grades, mordendo-as até sangrar as gengivas. Queixam-se de fome; dei-lhes dois quartos de boi, consoante a vossa determinação, mas isto não os satisfez; antes, aguçou-lhes o apetite e ameaçam quebrar tudo!

— São insaciáveis! — disse, por fim, Morelli.

E, virando-se para mim:

— Vê o senhor, como tudo quanto acabo de lhe dizer é a expressão da verdade? Mas, é natural, admito semelhante disposição, porque, a economia

interna se vê lesada e daí a sensação de fome nesses desgraçados atingir as raias da loucura. Certo, o senhor não retrucará à essa minha objeção: se um indivíduo normal, de 1 metro e 80 centímetros come um quilo de carne, um outro de 4 metros e 50 centímetros, é irrefutável, comerá 5 vezes mais!

Entretanto, malgrado as teorias do professor, os gritos recomeçavam, impetuosos, aumentando mais e mais, causando-nos um mal-estar indescritível.

Pietro voltara para dentro com Setizia, e Gianuzzi, empolgado pelos rugidos, prosseguia, como se tivesse enlouquecido.

— São três: o primeiro, era um garoto, que dormia ao relento, sem um parente que o protegesse; hoje, deve ter vinte anos, mas podemos considerá-lo como um bebê, apesar de ter quase 5 metros de altura...

O meu companheiro de viagem, pretextando uma indisposição súbita, pedia licença e se retirava, deixando-me sozinho, com aquele homem, que julgava sobrenatural.

E se ele tivesse descoberto o idílio que tivera com Setizia?

— Não se alarme — prosseguiu Morelli — o segundo, é uma mulher... (e sorriu ironicamente). Como não tivesse, também, nenhuma pessoa por ela, trouxe-a para aqui, pondo-a em contato com o rapaz. Tem dezoito anos e a bela altura de 4 metros, sem mais nem menos um centímetro.

Quanto ao último, resultado dessa união híbrida, conta, presentemente, dez anos e tem 2 metros e 42 centímetros de altura.

— Mas... mas, como conseguiu provocar tão engenhoso crescimento!!
— indaguei-lhe, aturdido.

— Pois, facilmente baseado, na vida eterna de certos vegetais de talhe gigantesco, extraindo-lhes asépticamente, o suco e o inoculando no baço, que se encarregará de distribuí-lo por todo o organismo.

Desde que se lhes injete a substância, o sangue, esse veículo precioso, leva à trama íntima dos tecidos a matéria restauradora, que fará com que as derradeiras células das últimas camadas bipartam o seu núcleo, sucessivamente, afastando para bem longe o espectro, muito justamente temido, da velhice.

Gianuzzi tocou a campainha, para chamar Pietro, e depois de oferecer-me um charuto, batendo-me às espáduas com a mão espalmada, disse:

— Irei mostrar-lhe os meus três prisioneiros. Espero que não se assuste com o estado de miserabilidade das suas vestes; esses patifes estraçalharam tudo quanto é roupa. As últimas calças, de 2 metros, que mandei fazer, tornaram-nas em frangalhos, esta manhã.

E, a tremer, tal um impaludado preso dos terríveis calafrios que fazem bater os queixos, eu acompanhava o sábio florentino, precedido de Pietro, galgando as escadas que conduziam àquele novo inferno, numa excitação nervosa que fazia delirar.

Com o ruído dos nossos passos, os rugidos recrudesciam, lancinantes e medonhos, a um tempo, brados lúgubres, que jamais se apagarão do cérebro.

— Suba, não tenha medo! — Vociferou Morelli, sibilante, no vozeiro indescritível e atroador como o trovão, indiferente às lamentações inenarráveis.

Por fim, subimos a uma platibanda, especialmente construída para que o sábio pudesse observar, do alto, os desgraçados detidos e, quando Pietro, a mão tremendo, abriu a cortina, que nos separava daqueles gemidos alucinadores, senti como se me faltasse o solo aos pés e talvez durante muito tempo permanecesse petrificado pelo espanto.

Dante, se os visse, certamente desdenharia o seu Inferno, envergonhado, incapaz de infligir os horrores que se retratavam na fisionomia esquelética dos tristes prisioneiros de Morelli.

Magros, como não mais poderiam sê-los, e sobretudo compridos, gigantescos, tão grandes que não poderiam ficar de pé no presídio nauseabundo, os joelhos calejados de tanto se arrastarem pelo cimento frio, os três, à nossa aproximação, arrojavam-se, miseráveis, às grades, embalançando-as.

— Queremos comer! Tu nos matas à fome, bandido!! — Bramia o mais alto, tal um primitivo habitante das cavernas, as barbas negras estendidas até o abdome, ao lado da mulher, mirrada, um traço inconfundível de resignação no magro rosto, dentes à mostra, semelhantes a um enfermo que não se alimenta há muitas semanas.

O menor de todos, o “filho”, conforme asseverara o professor, limitava-se a chorar, mas um choro que parecia o uivar noturno do lobo perdido na floresta, à cata da primeira presa.

Gianuzzi dera qualquer ordem a Pietro, e então, minutos após o velho [50] servidor aparecia arrastando um pedaço enorme de carne, ainda sangrenta, que Morelli atirou por cima das grades, ajudado pelo primeiro.

Todos os três, pai, mãe e filho, atiraram-se fascinados por aquele tronco de animal, devorando-o entre bramidos furiosos, semelhantes a hiena da planície, que sacia, intranquila, o cadáver providencial. Horroroso!

Setizia — pálida como desde o momento que consentira em dar o maldito endereço, que agora tanto me arrependia tê-lo pedido — aparecia outra vez, os suaves olhos fixos nos meus, como a implorar perdão e eximir-se das atrocidades de que não tinha a mínima culpa.

Gianuzzi, entusiasmado com o meu espanto, despedira a Pietro, e, enquanto os infelizes atacavam o último osso, descera da platibanda, para

mais exacerbar a cólera das três feras, segundo a sua expressão — radiante de júbilo.

E, com uma vara, tendo à extremidade superior um espetão aguçado de aço, principiou a fustigar as costelas da mulher, que lambia os lábios com a língua volumosa, silenciosa como dantes.

— Sai-te, cão! — gritou o homem. — Ainda temos fome; dá-nos mais carne ou arreentamos estas grades malditas!

Morelli gargalhava com aquela cena, edificante, sempre a açular a pobrezinha, que mostrava os dentes, pontiagudos, a cada golpe que recebia. Súbito, recuando como uma pantera, que prepara o salto, o monstro que urrava investiu, desvairado, contra o gradil possante, abalando-o repetidas vezes com os braços longos, que cedia pouco e pouco ante o professor que, o riso de escárnio galvanizado na máscara louca de horror, não dera um passo.

Setizia desmaiara e, com o resto de forças que ainda me restava, amparava-a na queda, sem saber como, os cabelos eriçados, talvez já sem a razão, chumbado à platibanda, assistindo, daí, a disputa macabra dos três infelizes dementes, que devoraram o desgraçado Morelli como se ele fosse um quarto de boi! Uma das pernas jazia para o lado completamente descarnada, o fêmur partido, e assim mesmo o menor dos gigantes roíalhes os tendões.

A mulher lambia o sangue que corria pelo chão, e o outro, o monstro de 5 metros, acabava de engolir a última orelha do sábio!

Pasmo de terror, os braços abriram-se-me sem o sentir, e Setizia, a sempre lembrada Setizia, rolava no meio dos três canibais famintos!

Talvez, aquela sombra que errava, fosse o meu próprio espírito, aflito, porque ela vagava, em todas as direções do patamar, como se quisesse conjurar a tremenda sorte que estava reservada à pobre Setizia.

— Quem poderia salvá-la? Meu Deus! Meu Deus! — parecia gritar a sombra atormentada, que se contorcia, entrevendo o corpo imaculado de Setizia já estreachado pelos gigantes famélicos.

— É minha só! — Bramiu a mulher gigante. — Tu já comeste mais do que eu!

— Não, peste do inferno! — regougou o homem, mais alto que nunca.

E outro oceano de sangue, começava a correr, agora numa luta titânica de dois contra um, mãe e filho contra o pai, que se digladiava heroicamente.

Em dado momento, o homem caíra, como uma massa, a cabeça sangrando abundantemente da brecha que fizera, ao pretender ficar em pé, fazendo saltar as tábuas do teto com violenta cabeçada, mas, assim mesmo, lutava contra os dois.

Impelido, não sei por que força estranha e abençoada, via-me repentinamente, no meio da liça, e ainda sob o mesmo poder subjetivo tomava, nos braços, o corpo formoso de Setizia, saindo a correr, pela estrada erma, enquanto as desventuradas vítimas do homem que haviam digerido, agonizavam, num amontoado rubro de carne mutilada.



Felizmente, a nuvem sangrenta e aterrorizante, que enlouqueceria o próprio Demônio, bem longe paira, agora, [52] das nossas almas, unidas para a vida e para a morte, que todas as tardes entoam pelos lábios do

barqueiro romântico as cavatinas melífluas que o murmúrio da brisa embala ternamente...

Além, outra gôndola se desenha na semiescuridão do grande canal, e as notas vibrantes, de um bandolim gemente, tremulam na quietude da noite, atraindo um perfil loiro e esguio, branco como o jaspe, que se recorta na quase escuridão, a ouvir, enlevado, a barcarola sentimental...



FICHA TÉCNICA

Coordenação: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Preparação e revisão textual: Amanda Marinho,
Ana Giulia Mussury, Arthur Dias Fontes, Larissa Adur
e Rosane Russo.

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras



Tênebra

tenebra.org